16 GRUPO DE LEITURA "EQUIDADE E INTERSECCIONALIDADE EM SAÚDE": REFLEXÕES COLETIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS MAIS JUSTAS NO SUS

Lorena Franco Sobral[1]
Melba Santiago Menezes[2]
Diego Francisco Lima da Silva[3]
Maria Ruhama Ferreira Alves[2]
Andressa Purificação dos Anjos[3]

[1]Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil
[2]Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, Pernambuco, Brasil
[3]Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

DOI:10.37085/bookAS.14.chap16

RESUMO

A experiência relatada diz respeito à realização do Grupo de Leitura "Equidade e Interseccionalidade em Saúde", desenvolvido em parceria entre a Coordenação de Atenção à Saúde da População Negra (CASPN/DGPET/SEVSAP/SES-PE), a Escola de Saúde Pública de Pernambuco (ESPPE) e o Grupo Raça, Gênero e Saúde da Fiocruz Pernambuco. O grupo constituiu-se como espaço de formação continuada e reflexão crítica, reunindo profissionais de saúde, gestores e pesquisadores interessados em aprofundar o entendimento sobre as determinações sociais que atravessam

os processos de saúde-doença-cuidado da população negra. Por meio de encontros periódicos pautados na leitura e discussão de textos teóricos e empíricos, o grupo promoveu o diálogo entre os referenciais da equidade racial em saúde e da interseccionalidade. A obra Bem mais que ideias, de Patricia Hill Collins, constituiu o texto-base metodológico central do grupo, fundamentando a interseccionalidade não apenas como categoria analítica, mas como metodologia para a transformação das práticas em saúde. O percurso metodológico baseou-se também na educação popular em saúde e na pedagogia crítica, com dinâmicas participativas que favoreceram a escuta horizontal e a troca de saberes entre os três espaços institucionais. Os resultados apontam para avanços na capacidade reflexiva dos participantes, qualificação das análises sobre iniquidades raciais em saúde e fortalecimento da articulação interinstitucional. Conclui-se que parcerias como essa são estratégicas para a consolidação de um modelo de saúde sustentável, integrado e comprometido com o enfrentamento do racismo institucional.

Palavras-chave: Equidade racial em saúde, Interseccionalidade, Educação permanente em saúde, População negra, Racismo institucional

INTRODUÇÃO

A construção de um sistema de saúde verdadeiramente universal e equânime requer, além de medidas técnicas e normativas, a formação crítica dos sujeitos que o integram. No contexto brasileiro, o Sistema Único de Saúde (SUS) nasce da luta por equidade e reconhece, em seus princípios fundantes, que saúde é um direito de todos e dever do Estado[1]. Contudo, persistem profundas desigualdades raciais no acesso e na qualidade dos serviços ofertados à população negra, expressas em indicadores que revelam maior morbimortalidade, menor cobertura e pior qualidade do cuidado[2,3].

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), instituída pela Portaria GM/MS nº 992/2009, represen-

ta um marco no reconhecimento do racismo como determinante social da saúde e na afirmação dos direitos da população negra no âmbito do SUS[4]. A interseccionalidade, conceito originalmente formulado por Kimberlé Crenshaw[5] e aprofundado no pensamento feminista negro, oferece uma lente analítica fundamental para compreender como raça, gênero, classe e território se articulam na produção de vulnerabilidades específicas para mulheres negras e outros grupos subalternizados. Nesse percurso teórico, a obra *Bem mais que ideias*, de Patricia Hill Collins[6], constituiu-se como referência estruturante do grupo ao apresentar a interseccionalidade não apenas como categoria descritiva, mas como teoria crítica e metodologia para a transformação das práticas sociais e institucionais — inclusive no campo da saúde coletiva.

Nesse sentido, a realização de espaços formativos que aproximem equipe técnica e gestores dessas ferramentas conceituais mostra-se essencial para a qualificação das políticas e práticas de saúde. É nesse contexto que se insere a experiência aqui relatada: a criação e o desenvolvimento do Grupo de Leitura "Equidade e Interseccionalidade em Saúde", fruto da parceria entre a Coordenação de Atenção à Saúde da População Negra (CASPN/SEVSAP/SES-PE), a Escola de Saúde Pública de Pernambuco (ESPPE) e o Grupo Raça, Gênero e Saúde da Fiocruz Pernambuco.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre o processo de implementação e desenvolvimento do Grupo de Leitura "Equidade e Interseccionalidade em Saúde", realizado em março de 2026, no âmbito da parceria interinstitucional entre a CASPN/SEVSAP/SES-PE, a ESPPE e o Grupo Raça, Gênero e Saúde da Fiocruz Pernambuco, em Recife/PE. O grupo adotou como referenciais metodológicos a educação popular em saúde[7] e a pedagogia crítica freireana[8], privilegiando dinâmicas horizontais de partilha e construção coletiva do conhecimento. A interseccionalidade como metodologia — tal como desenvolvida por Patricia Hill Collins

na obra *Bem mais que ideias*[6] — orientou a perspectiva analítica central do grupo, fornecendo o arcabouço para a leitura crítica das iniquidades raciais no âmbito do SUS e para a reelaboração das práticas institucionais.

Os encontros ocorreram com periodicidade quinzenal, em formato presencial e/ou remoto, com duração média de duas horas. A seleção dos textos foi realizada coletivamente pelos três núcleos parceiros, a partir de levantamento bibliográfico sobre equidade racial, determinantes sociais da saúde, interseccionalidade e saúde da população negra. Participaram da experiência profissionais de diferentes categorias — assistentes sociais, enfermeiros, médicos, sanitaristas, psicólogos e educadores em saúde —, além de docentes e pesquisadores da ESPPE e da Fiocruz Pernambuco, e gestores da SES-PE.

A sistematização da experiência foi realizada por meio de registros das discussões em ata, diários de campo e avaliações periódicas dos encontros, seguindo os pressupostos metodológicos propostos por Jara Holliday[9]. A análise dos dados foi orientada pela perspectiva da pesquisa-ação participante, buscando articular reflexão e transformação das práticas institucionais[10].

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A parceria entre a CASPN, a ESPPE e o Grupo Raça, Gênero e Saúde da Fiocruz Pernambuco mostrou-se determinante para a qualidade e a diversidade dos encontros. A articulação entre gestão, formação e pesquisa criou uma dinâmica singular, na qual a experiência prática dos gestores e profissionais da SES-PE dialogava continuamente com o rigor teórico trazido pelos pesquisadores da Fiocruz e pela capacidade pedagógica da ESPPE.

Nos primeiros encontros, foram discutidos textos fundantes sobre raça, racismo e saúde, com destaque para a PNSIPN e os marcos conceituais do movimento negro brasileiro. A partir do terceiro encontro, foram incorporados textos sobre interseccionalidade — com a obra Bem mais que ideias, de Patricia Hill Collins[6],

ocupando papel central como texto-base do grupo. A leitura e discussão aprofundada dessa obra, ao lado das contribuições de Crenshaw[5], Akotirene[11] e Carneiro[12], propiciou uma apropriação crítica da interseccionalidade enquanto metodologia para o trabalho em saúde, e não apenas como categoria de análise acadêmica. A proposta de Collins[6] de operar a interseccionalidade como teoria crítica comprometida com a transformação das práticas revelou-se especialmente fértil para conectar o debate teórico às situações concretas vivenciadas nos serviços e na gestão.

As discussões revelaram que muitos profissionais não dispunham de ferramentas conceituais para nomear o racismo institucional presente nas práticas de saúde cotidianas. A leitura compartilhada favoreceu o reconhecimento de situações concretas de iniquidade racial no acesso aos serviços e nas abordagens clínicas, criando condições para sua problematização coletiva.

Como produto da articulação interinstitucional, o grupo produziu uma cartilha de orientações para o acolhimento da população negra nos serviços do SUS em Pernambuco, além de um repositório compartilhado de referências bibliográficas acessível a todas as equipes parceiras.

DISCUSSÃO

A experiência do Grupo de Leitura "Equidade e Interseccionalidade em Saúde" evidencia a potência das parcerias interinstitucionais para a qualificação da gestão pública em saúde. A tríade formada pela CASPN, a ESPPE e o Grupo Raça, Gênero e Saúde da Fiocruz Pernambuco permitiu articular, de forma sinérgica, gestão, formação e produção de conhecimento — dimensões frequentemente tratadas de forma isolada no cotidiano das secretarias de saúde.

Em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS)[7] e da PNSIPN[4], o grupo articulou trabalho e aprendizagem, transformando problemas concretos do cotidiano institucional em objeto de reflexão e produção de saber. A incorporação da perspectiva interseccional, ancorada

sobretudo na proposta metodológica de Patricia Hill Collins em Bem mais que ideias[6], permitiu superar análises fragmentadas, reconhecendo que raça, gênero, classe e território se articulam de maneira indissociável na produção das vulnerabilidades vivenciadas pela população negra. Collins[6] propõe que a interseccionalidade seja operada como metodologia crítica — isto é, como instrumento ativo de transformação das práticas sociais e institucionais —, o que orientou diretamente a forma como o grupo problematizou e encaminhou mudanças no cotidiano dos serviços.

A horizontalidade metodológica adotada, ancorada na pedagogia freireana[8], criou condições para que profissionais com diferentes trajetórias — da gestão, da acadêmia e dos serviços — se reconhecessem mutuamente como produtores de conhecimento, fortalecendo vínculos interinstitucionais e o compromisso coletivo com a transformação das práticas. Os principais limites identificados foram a rotatividade dos participantes e a sobrecarga de trabalho das equipes, reforçando a necessidade de institucionalização formal dessas iniciativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Grupo de Leitura "Equidade e Interseccionalidade em Saúde", desenvolvido em parceria entre a CASPN/SES-PE, a ESPPE e o Grupo Raça, Gênero e Saúde da Fiocruz Pernambuco, demonstrou ser uma estratégia viável, relevante e transformadora para a gestão estadual de saúde. Ao articular teoria e prática em torno das iniquidades raciais no SUS, o grupo contribuiu para a formação de profissionais e gestores mais comprometidos com o enfrentamento do racismo institucional e a garantia do direito à saúde da população negra.

Recomenda-se a continuidade e ampliação dessa parceria interinstitucional, com incorporação do grupo nas grades formativas da ESPPE e nas ações de educação permanente da SES-PE. A consolidação de um modelo de saúde sustentável e equitativo — tal como propõe o II Livro SEVSAP — exige, necessariamente, a formação

de sujeitos capazes de reconhecer e enfrentar o racismo como determinante estrutural do processo saúde-doença-cuidado no Brasil.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União. 1990 set 20.
2. Batista LE, Werneck J, Lopes F, organizadores. Saúde da população negra. 2. ed. Brasília: ABPN; 2012.
3. Goes EF, Nascimento ER. Mulheres negras e brancas e os níveis de acesso aos serviços preventivos de saúde: uma análise sobre as desigualdades. Saúde Debate. 2013;37(99):571-579.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 992, de 13 de maio de 2009. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.
5. Crenshaw K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. Univ Chicago Leg Forum. 1989;1989(1):139-167.
6. Collins PH. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria feminista crítica. São Paulo: Boitempo; 2022.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.
8. Freire P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
9. Jara Holliday O. Para sistematizar experiências. 2. ed. Brasília: MMA; 2006.
10. Thiollent M. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez; 2011.
11. Akotirene C. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen; 2019.
12. Carneiro S. Escritos de uma vida. São Paulo: Pólen; 2019.